AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU,* referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (https://monografiashistoriaufu.wordpress.com).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia.* Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

SERGIO BERNARDES REZENDE

A GUERRA CONTRA O PARAGUAI E OS DISCURSOS SOBRE NAÇÃO E IDENTIDADE

INSTITUTO DE HISTÓRIA

CURSO DE BACHARELADO
E LICENCIATURA PLENA
EM HISTÓRIA

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE UBERLÂNDIA

1582

UBERLÂNDIA
2000

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA EM HISTÓRIA CDHIS
CAMPUS SANTA MÔNICA - Bloco 1 Q (Antigo Mineirão)
AV. UNIVERSITÁRIA S/N.º

1583
S.9
(C)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

CURSO DE BACHARELADO
E LICENCIATURA PLENA
EM HISTÓRIA

A GUERRA CONTRA O PARAGUAI E OS DISCURSOS SOBRE NAÇÃO E IDENTIDADE

Sergio Bernardes Rezende

Orientador:
Prof. Ms. Leandro J. Nunes

Monografia apresentada à Banca Examinadora do curso de História da Universidade Federal de Uberlândia, a fim de cumprir exigência parcial para obtenção do grau de Bacharel em História.

UBERLÂNDIA
2000

Banca Examinadora:

Prof. Ms. Leandro José Nunes
(Orientador)

Profª Ms. Leila Almeida
(Banca)

Prof. Dr. Paulo Roberto de Almeida
(Banca)

AGRADECIMENTOS

Agradeço às professoras Thelma e Irma, da rede de ensino da cidade de Frutal, que me possibilitaram acesso a material de pesquisa (livros didáticos de História).

Muito tenho por agradecer aos inúmeros colegas, professores e amigos, que de uma forma ou de outra incentivaram a produção desse trabalho.

Ao colega Daniel Monteiro Huertas, do curso de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia, que traduziu para a língua inglesa o resumo (*abstract*) de apresentação do trabalho.

Ao colega Marcos Florentino Fernandes, do curso de Letras da Universidade Federal de Uberlândia, que realizou a revisão ortográfica final da presente monografia.

Aos colegas Fernando Santos Dias e Ricardo Gomes Batista Ramos, do curso de Artes Plásticas da Universidade Federal de Uberlândia, que "estão" elaborando a arte da capa do exemplar a ser enviado ao Laboratório de História deste Instituto.

Em especial, agradeço ao professor Leandro José Nunes, que acompanhou o trabalho de pesquisa, em todos os seus percalços, até o momento de conclusão do presente texto.

Dedico este trabalho às minhas duas famílias, que suportaram com paciência e carinho seis anos de ausência.

"O homem já subiu em espírito, e apurou as respectivas energias o bastante para assenhorear-se dos seus destinos, e, em plena consciência, fazer, com a perfeita solidariedade, uma vida de justiça cordial, realmente humana. Assim o faria, se os dirigentes para aí o levassem. Mas está verificado, nessa função de governantes, as mentalidades não evoluem para a justiça; moldam-se nas tradições do Estado primitivo, quando os grupos nacionais deviam viver em luta brutal, matando para não morrer."

Manoel Bomfim

RESUMO

O presente texto é resultado parcial de um trabalho de pesquisa que se iniciou no segundo semestre de 1998.

Partimos da chamada Guerra do Paraguai (1865-1870) para refletir sobre a consolidação da idéia de 'identidade nacional brasileira'. O foco da discussão se baseia em relatos e memórias de guerra, escritos por membros do quadro de oficiais que integraram o comando das forças brasileiras que lutaram ao lado do Uruguai e da Argentina (Tríplice Aliança) contra o Paraguai, que acabou sendo totalmente destruído.

A partir desses documentos, que constituem nossas fontes básicas de pesquisa, procuramos observar a emergência de certos discursos sobre a dita nacionalidade brasileira. Através da leitura de textos analíticos sobre as problemáticas em torno daquele conflito, pudemos observar que a guerra se manifestou em momento de crise do Império comandado por D. Pedro II. A guerra, além disso, permitiu a constituição de uma nova instituição, que, por sua vez, acabaria por aglutinar poderes que vieram transformar o cenário político da ex-colônia portuguesa.

Alguns teóricos do conceito de nação e das ideologias nacionalistas nos permitiram perceber nos discursos que se constroem em torno da Guerra do Paraguai conteúdos que os qualificam como propagadores de ideários nacionalistas. Tais posicionamentos evidenciam momentos de construção de símbolos e significados em torno do que viria a ser a idéia de nação, proposta pelos que proclamaram a República Federativa do Brasil.

O trabalho não chega a conclusões definitivas, apontando, contudo, caminhos que permitem refletir sobre a historicidade da guerra em que o Brasil se envolveu contra o Paraguai.

ABSTRACT

This text is partial result of a investigation work started in the 1998's second semester.

We begin by the known Paraguay's War (1865-1870) to reflect about the idea's consolidation of the "Brazilian national identity". The focus of this discussion bases in war memories and accounts, that were written by members of the officials group that have composed the Brazilians forces command that have fought with Uruguay and Argentina (Triple Alliance) against Paraguay, that was destroyed totally.

With those documents, that appoint our basic source's investigation, we look for perceive the emergency of the some dissertation about the good fortune Brazilian nationality. By the reading of the analytic texts about the problematicals involve that conflict, we might observed the war have manifested in crisis moment of the empire commanded by D. Pedro II. The war, on the other hand, have permited the making a new institution, that would finish to join powers that have come transform the ex-Portuguese colony political scenery.

Some theoritics of the nation and nationalist ideology concepts have permited realize, in the speeches built about the Paraguay's War, contents that it qualify as a nationalists ideology propagaters. Thats positions make evident moments of symbols and meanings construction concerning of that would come to be the nation's idea, it suggested by that proclaimed the Federative Republic of Brazil.

This work doesn't obtain definitive conclusions, appearing, however, ways that allow reflect about the historical situation of the war that Brazil have involved against Paraguay.

A GUERRA CONTRA O PARAGUAI E OS DISCURSOS SOBRE NAÇÃO E IDENTIDADE

ÍNDICE

Agradecimentos.....04

Dedicatória.....05

Resumo.....07

Sumário.....08

Apresentação.....09

Introdução.....14

Capítulo I – Posturas analíticas.....26

Capítulo II – O sentido da guerra.....31

Capítulo III – Nação e Nacionalismo: frutos do conflito?.....39

Capítulo IV – Guerra contra o Paraguai e discursos do nacionalismo brasileiro.....51

Considerações finais.....68

Bibliografia.....69

LABORATÓRIO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE HISTÓRIA - UFU

No

Data / /

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho foi desenvolvido a partir da leitura e análise de ampla bibliografia produzida sobre o tema. Apesar disso, restringiu-se em muitos aspectos por seu caráter monográfico e ainda condições objetivas de pesquisa. O material analisado deixa claro que o tema está longe de ser esgotado. As leituras acerca da Guerra do Paraguai são em boa parte pautadas pelas teorias positivistas/tradicionais de análise, sendo poucos os trabalhos voltados para a crítica do processo como um todo. Além do que, como qualquer outro tema que se inscreve no universo historiográfico da América Latina, esbarram sempre os diversos trabalhos, inclusive o ora apresentado, na dificuldade de acesso à fontes primárias. O que não impediu, contudo, uma leitura cuidadosa sobre o tema, bem como as reflexões acerca de seu caráter ideológico, político, econômico, social.

Uma das primeiras dificuldades que encontramos ocorreu justamente ao percebermos a real escassez de documentos. Percebemos nesse momento que este importante episódio da história brasileira estava praticamente ausente das prateleiras da Biblioteca da Universidade Federal de Uberlândia, bem como de muitas outras que visitamos. Por fim, depois de encontrar algumas obras que

poderiam ser úteis, por felicidade encontramos um importante documento histórico em uma das prateleiras do curso de Direito dessa universidade, tratando-se a obra em questão do relato escrito pelo Visconde de Taunay, intitulado *A Retirada da Laguna*, onde o autor narra a experiência da coluna militar que intenta atacar o Paraguai pelo seu lado norte, ao sul do Mato Grosso.

Outra obra que consideramos importante e que de certa forma privilegiamos nesse trabalho foi o livro de memórias do general Dionísio Cerqueira, intitulado *Reminiscências da Campanha do Paraguai*, onde o autor busca através da memória reproduzir as experiências que vivenciou naqueles tempos de guerra. Acreditamos na importância deste texto para o presente trabalho, já que entendemos poder observar através dele inúmeras representações e pontos de vista de um soldado que participou do início ao término do combate, se alistando voluntariamente, a despeito de sua menoridade, antes mesmo que o Império divulgasse o decreto de convocação dos chamados Voluntários da Pátria[1].

Entendemos o fato "Guerra do Paraguai" como um dos elementos da tradicional discussão que se trava na historiografia acerca de um tema abrangente, que é a chamada identidade nacional. Não pensamos aqui a Guerra

[1] Como não dispunha de exército permanente, o Império foi obrigado a constituí-lo pelo Decreto 3371, de 07 de janeiro de 1865. Tal documento convocava os brasileiros em defesa da Pátria, cuja soberania e integridade estavam supostamente em risco. Este documento ficou conhecido como *Decreto dos Voluntários da Pátria*.

do Paraguai como único elemento formador dessa identidade – mas entendemos que no bojo dessa discussão encontram-se alocados diferentes discursos que buscam fomentar a idéia de identidade nacional a partir da experiência da guerra contra o Paraguai.

Desta forma destacamos três aspectos, para nós fundamentais:

- O que foi a Guerra do Paraguai?
- O que se entende por identidade nacional?
- Qual a relação entre as duas questões?

Sendo assim, em nosso trabalho de monografia partimos de uma breve apresentação acerca do conflito "Guerra do Paraguai" e, deste ponto em diante, indicamos algumas considerações teóricas importantes sobre as chamadas identidades nacionais e o caminho que seguimos para perceber a dita guerra nos relatos de importantes memorialistas que participaram do conflito[2] e nos serviram como fonte documental para a reflexão sobre os conteúdos discursivos destes trabalhos, o que pode indicar a intenção de consolidar certas idéias a respeito do significado de "Pátria, povo, nação, honra e soberania nacionais".

---

[2] Nossas fontes de reflexão se restringem a três autores que participaram do conflito, integrando o quadro de oficiais brasileiros que comandaram manobras no teatro de operações da guerra contra o Paraguai. Destes destacamos os seguintes trabalhos: CERQUEIRA, General Dionísio. *Reminiscências da Campanha do Paraguai*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1980; PIMENTEL, General J.S. de Azevedo. *Episódios Militares*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1978; TAUNAY, Visconde de. *Memórias*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército – Editôra, 1960; TAUNAY. *A Retirada da Laguna*. São Paulo: Melhoramentos, 1952 & TAUNAY. *Diário do Exército (1869-1870)*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército - Editôra, 1958.

A compreensão do significado, ou significados, da chamada Guerra do Paraguai para a história brasileira suscita inúmeras reflexões sobre as últimas décadas do séc. XIX, um período marcado pela crise final da Monarquia e a transição para a República. Recorde-se que a guerra está inserida num contexto histórico de consolidação dos Estados Nacionais na América Latina e expansionismo comercial e colonial das grandes potências, especialmente a Inglaterra, tradicionalmente atuante em território brasileiro e platino. E ainda que os projetos dos chamados Estados Nacionais na América Latina estão fundamentados nas teorias clássicas de Estado, Poder e Democracia, essencialmente liberais, defensores em grande parte de ideários reconhecidamente positivistas.

A primeira parte do trabalho sobre o contexto histórico em que se insere a Guerra do Paraguai, onde procuramos discorrer sobre as relações entre o Império comandado por D. Pedro II e as sociedades platinas, especialmente o país guarani.

Em seguida, no capítulo I, apresentamos algumas posturas historiográficas de analistas que procuraram discutir as possíveis causas que determinaram a eclosão do maior conflito em que o Brasil já se viu envolvido contra um vizinho de fronteira.

No capítulo II tratamos sobre o sentido da guerra na visão de alguns pensadores clássicos, discussão que continua no capítulo III, onde abordamos

as relações entre o Estado, enquanto detentor da "violência legítima", e os recursos que utiliza para consolidar certas idéias a respeito de nação, nacionalismo, Pátria, soberania nacional, enfim, conceitos que nos permitem observar o caso específico da Guerra do Paraguai no contexto histórico brasileiro.

Finalmente, no capítulo IV nos valemos de relatos e memórias de soldados que atuaram na guerra contra o Paraguai, com o intuito de observar em seus discursos apontamentos que indicam fatores relacionados à consolidação da idéia de nacionalidade brasileira, a partir da experiência militar na guerra contra o Paraguai.

INTRODUÇÃO

Para nós, a chamada *Guerra do Paraguai*, que prefiro chamar de "Guerra contra o Paraguai" (já que estamos falando a partir de um ponto de vista que parte da História do Brasil, de sua experiência histórica particular, apesar do fato de que procuramos observar este processo no interior do contexto histórico maior, representado pelas relações estabelecidas entre os países latino-americanos, recentemente independentes.), representa um elemento importante para a compreensão do Brasil do período final do séc. XIX, marcado pela transição da Monarquia para a República.

A realidade histórica dos países do cone sul exige a observação do contexto amplo, vivenciado pelo processo de conquista[3], já que a consolidação da posse dos territórios americanos não se caracterizou simplesmente pelo controle sobre os povos pré-colombianos, ou pré-cabralinos, mas ao contrário, envolveu muitas vezes disputas acirradas entre as próprias metrópoles européias que rangiam pelo desejo de anexar sua parte do 'rico bolo'.

[3] Muitos são os pontos de vista sobre a *conquista* da América. Tendemos a concordar com o de uma linha que entende a conquista como momento de cisão da história e cultura dos povos pré-colombianos e sua conseqüente espoliação. Sobre esse aspecto, ver: Richard Morse, Henrique Dussel e J. C. Mariátegui, entre outros.

A bacia do Rio da Prata (Bacia Platina) foi um ponto bastante litigioso, uma terra que viu sanguinárias batalhas entre europeus, mestiços e índios, incluindo os negros que, contra sua vontade acabaram muitas vezes envolvidos em conflitos que não eram de seu interesse objetivo, sendo obrigados a lutarem até a morte por causas alheias.

A região do Rio da Prata durante muito tempo foi relegada pelos conquistadores, permanecendo como ponto secundário para portugueses e espanhóis, durante a maior parte do primeiro século da conquista. Entretanto, desde as primeiras décadas do século XVI aquela região foi alcançada pelos ibéricos, que se viram frustrados em inúmeras tentativas de colonização do local.

Com Buenos Aires permanecendo como porto fechado, a vida dos europeus que para lá se dirigiram nos primeiros tempos era bastante difícil, já que pouco contato tinham com as metrópoles e mesmo sua permanência ali era ilegal, especialmente aos olhos da Espanha, que temia o escoamento das riquezas de Potosi através do contrabando pela Bacia Platina.

De fato, as dificuldades de sobrevivência e as tentações da cobiça acabaram determinando que o Prata fosse consolidado como via de contrabando de mercadorias européias para o continente e das riquezas peruanas, que escorregavam Andes abaixo para os navios que ancoravam no estuário.

Ao observarmos a história da conquista e formação das sociedades platinas independentes, percebemos que a região fora, em grande parte de sua história colonial e independente, o conjunto de inúmeros caldeirões de pólvora que explodiram inúmeras vezes, praticamente em toda a região.

Como se sabe, as margens do estuário são atualmente ocupadas de um lado pelos argentinos e do outro pelos uruguaios, tendo o Paraguai ao norte e o Brasil a Leste, rumando a norte.

Os maiores conflitos internacionais[4] entre estes países foram movidos por problemas como definição de fronteiras e direitos de navegação pelos rios da bacia. Lembramos que o avanço luso-brasileiro rumo ao oeste acabou determinando inúmeros conflitos, sendo que a própria Espanha já se preocupava com o processo e os países platinos, após suas independências, sofreram muitas pressões dos brasileiros, que não desistiam de ter livre acesso àquelas águas e não reconheciam as fronteiras reivindicadas pelos vizinhos, o que detonou muitas batalhas, especialmente contra os uruguaios e por fim, a grande guerra contra o Paraguai.

O Tratado da Tríplice Aliança, que registra a união de Brasil, Argentina e Uruguai na luta contra os paraguaios, teve sua assinatura determinada pela política de alianças travadas pelo Império de Pedro II com certos caudilhos

[4] Entre estes, podemos citar alguns: 1763/1776 – Invasões espanholas do Rio Grande do Sul; 1816 – Invasão portuguesa na Banda Oriental; 1821 – Incorporação da Cisplatina ao Império português; 1825/28 – Guerra da Cisplatina; 1851/52 – Guerra do Brasil contra Oribe e Rosas; 1864 – Guerra do Brasil contra Aguirre (Uruguai); e 1865/70 – Guerra do Paraguai.

platinos, que brigavam entre si pelo poder regional.

Lembramos que o Uruguai fora anexado por D. João VI, no início do século XIX, e conseguiu sua independência com a interferência inglesa, que pressionou os divergentes no sentido de estabelecer uma política equilibrada entre Brasil e Argentina, já que a presença dos luso-brasileiros na banda oposta a Buenos Aires incomodava os dirigentes portenhos, e ainda interferia em suas próprias pretensões sobre a chamada Banda Oriental, o atual Uruguai.

De qualquer forma, os brasileiros continuaram por todo o tempo agindo no Uruguai, que por sua vez se sentia incomodado com o desrespeito dos gaúchos rio-grandenses em relação à fronteira, sendo que estes últimos mantinham em território uruguaio propriedades e gado, e ainda desejavam transitar livremente através da fronteira e mesmo praticar a escravidão, abolida pela constituição uruguaia.

Inúmeros conflitos foram determinados por esses problemas com o Uruguai, na medida em que os brasileiros não procuravam agir somente sobre os aspectos econômicos, mas muito interferiram nas guerras civis entre partidos rivais naquele país, procurando apoiar golpes de Estado, tentando manipular a política uruguaia de acordo com os interesses do Império.

Entre as muitas versões da bibliografia que discutem as causas determinantes da guerra contra o Paraguai, uma delas defende que justamente uma destas intervenções brasileiras no Uruguai foi a gota d'água que detonou a

eclosão da guerra[5]. Entretanto, encontramos algumas divergências com relação a este ponto, já que alguns autores encaminham suas discussões sobre outros planos, defendendo uns que a Inglaterra sempre esteve por trás não somente das tramas da guerra contra o Paraguai, mas estabelecia uma política de extensão de sua hegemonia sobre esses territórios americanos[6].

Os que discordam desta determinação efetivada pelos ingleses, lembram que a Inglaterra encontrava-se em pleno avanço industrial e em busca de mercados, sendo que dessa forma à Inglaterra não interessava a destruição do Paraguai, já que a estabilidade econômica daquele país não era preocupação para os britânicos. Ao contrário, seria justamente essa riqueza que distinguia o Paraguai como possibilidade de bons negócios, que na verdade vinham acontecendo, desde algum tempo, já que seus governantes estavam procurando contato com a Europa, importando máquinas, técnicos e intelectuais.

---

[5] MENEZES, Alfredo da Mota. *Guerra do Paraguai – como construímos o conflito*. São Paulo: Contexto, 1998. Este autor articula sua discussão a partir da interferência do Império do Brasil na guerra civil no Uruguai em 1864, destacando que os governantes paraguaios entenderam a intromissão na república vizinha como ameaça à própria integridade nacional do Paraguai, já que os brasileiros passariam a exercer interferência direta sobre a política uruguaia, então aliada do Paraguai. Dessa forma, o autor destaca os conflitos regionais na bacia do Rio da Prata como as principais causas que determinaram a guerra da Tríplice Aliança. Sobre esse aspecto destacamos ainda a seguinte obra: BANDEIRA, L. A. Moniz. *O Expansionismo Brasileiro e a Formação dos Estados da Bacia do Prata: da colonização à guerra da tríplice aliança*. 2ª ed., São Paulo: Ensaio; Brasília, DF: Editora da Universidade de Brasília, 1995. Nesse trabalho o autor realiza um exaustivo trabalho de pesquisa sobre as relações históricas entre o Brasil e a região platina. Como Menezes, prioriza as relações regionais para propor a compreensão sobre a guerra que destruiu o Paraguai.

[6] CHIAVENATO, Júlio José. *Genocídio Americano: A Guerra do Paraguai*. São Paulo: Brasiliense, 1979. Neste trabalho o autor não economiza argumentos para defender a tese de que no momento da guerra contra o Paraguai o Brasil não passava de marionete dos interesses ingleses, que teriam tramado inteiramente o conflito da Tríplice Aliança a fim de estender sua hegemonia rumo ao interior da América Latina, além de ter como objetivo consolidar a influência econômica sobre o Império, que acabou saindo da guerra completamente endividado em favor dos ingleses. Outro trabalho que segue a mesma linha de argumentação é o que destacamos a seguir: GALEANO, Eduardo. *As Veias Abertas da América Latina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

Uma terceira versão defende a idéia de que a guerra foi detonada pelo fato de que o ditador paraguaio, Francisco Solano López, era a pura representação do terror na política latino-americana, um déspota, que por motivações pessoais teria efetuado uma política expansionista contra seus vizinhos, determinando por sua loucura a própria morte e a morte de seu país. Essas opiniões chegam a defender que a destruição da sociedade guarani foi uma grande necessidade histórica, colocada em prática pelos "heróis da Aliança".[7]

De fato, o Paraguai guardava em seu território muitas riquezas cobiçadas pelos vizinhos, sendo que o governo de Buenos Aires não havia se conformado com a fragmentação do antigo Vice-reinado do Prata, do qual faziam parte os territórios do Uruguai e do Paraguai, que procuraram seguir caminhos independentes da política centralista dos portenhos. Os brasileiros, por seu lado, não se conformavam de ter que pedir a benção dos paraguaios para chegar a sua província de Mato Grosso, queriam ir e vir como bem entendessem e ainda desrespeitavam os limites de fronteira reivindicados pelos paraguaios.

Isolado no interior do continente, o Paraguai tinha (e continua tendo)

[7] A bibliografia militar sobre a Guerra do Paraguai é reconhecidamente extensa e geralmente apresenta, em maior ou menor medida, a versão que apresentamos nesse parágrafo. Entretanto, nos valemos de uma única obra atualizada que segue essa linha de reflexão, com o intuito de referendar a diversidade de posturas encontrada na bibliografia pesquisada. Vide: MOREIRA, Reinaldo Correia. *O Batalhão Laguna*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1990.

como única possibilidade de saída para o mar a descida pelo rio que lhe deu o nome (Paraguai = rio que desce para o mar – denominação indígena). Tal condição geográfica complicava a vida da sociedade guarani, ainda mais com brasileiros e portenhos interferindo nas duas bandas do estuário, fatores que levaram os paraguaios a defenderem a independência da Banda Oriental, diante das dificuldades de comunicação com brasileiros e portenhos, como tentativa de balancear o exercício de poder na bacia.

No início da segunda metade do século XIX, paraguaios e uruguaios assinaram um acordo de defesa mútua; caso um fosse atacado o outro partiria em sua defesa. Os fatos caminharam de tal forma que, com a intervenção brasileira e argentina na guerra civil uruguaia no ano de 1863, elevou-se o calor de discórdias antigas. O governo Blanco de Atanásio Aguirre (aliado dos paraguaios), vendo seu rival Venâncio Flores sendo apoiado pelos dois poderosos vizinhos, partiu em desespero a pedir que o Paraguai colocasse em prática sua parte do acordo assinado anteriormente.

Com o prosseguimento da guerra civil e com os apoiadores de Flores não aceitando a intermediação de López, o Paraguai acelera os preparativos para a guerra, recrutando tropas, aumentando o arsenal, planejando estratégias. Neste momento o Governo paraguaio consegue arregimentar cerca de 80.000 homens, formando o maior exército já constituído por um país latino-americano até aquele momento.

Através do contato com a Europa, os últimos governantes paraguaios vinham modernizando sua infra-estrutura, implantando linhas telegráficas, estradas de ferro e mesmo uma fundição (Ibicuí), de onde saía praticamente toda a produção metálica consumida pelos paraguaios. Sua estrutura social era formada por um povo distinto, já que a partir da independência em 1811, o Paraguai foi governado por Francia, um ditador que por mais de três décadas procurou com afinco constituir as características da sociedade paraguaia, aproveitando-se da maioria indígena da população e de seu costume com longos anos de disciplinarização jesuítica.

Francia fora obrigado a agir isoladamente, diante das intransigências dos dois vizinhos maiores, que insistiam em não aceitar a independência do Paraguai. O ditador procurou evitar a entrada de idéias estrangeiras, o que realizou atacando o ensino universitário e distribuindo uma educação primária massiva, inculcando na população desde criança suas referências identitárias com aquele país que se procurava formar. O ditador adotou ainda como estratégia a expulsão de membros da oligarquia paraguaia que estivessem ligados aos interesses de Buenos Aires.

Francia promoveu uma espécie de socialismo de Estado, onde grande parte da produção ficava nas mãos do governo, que redistribuía de acordo com as condições do momento. Formou as fazendas do Estado, denominadas de *Estâncias de la Pátria*, onde trabalhadores produziam diretamente para o

governo, recebendo parte da produção e ainda os benefícios propiciados pelas ações do Estado, que procurou e conseguiu acabar com a fome e o analfabetismo naquele território que antes fora terrivelmente explorado pelos conquistadores escravistas.

Com a morte de Francia, assume o poder Carlos Antonio López, pai de Solano López, seu filho sucessor. Carlos Antonio começa uma política de abertura e modernização de seu país, através do contato com a Europa, para onde manda seu filho para conhecer e fazer negócios, trazendo ainda de lá sua futura esposa, que o acompanha até a hora da morte.

Os López, em suas tentativas de abertura esbarraram nos obstáculos impostos pelos vizinhos maiores, o que cada vez mais foi aumentando os descontentamentos do Paraguai, culminando na guerra que destruiu o país.

Para nós esse conflito configura uma das mais terríveis guerras da história do continente americano. A primeira pergunta que nos fazemos é a seguinte: por que teria ocorrido tão cruento conflito? Buscando elucidar a questão observamos com cuidado as sociedades que se envolveram em tal conflito, não chamando aqui para a responsabilidade desse trabalho uma compilação da história dessas sociedades, senão de alguns aspectos que poderiam clarificar a questão.

Uma outra questão seria saber se a chaga histórica representada por essa guerra é ou não lembrada pela sociedade brasileira do presente e quais seriam

os veículos atuais de transmissão dessa memória, responsáveis não somente pela lembrança da guerra, mas também carregados de significados adquiridos no decorrer deste processo.

As sociedades modernas caracterizam-se pela rápida modificação de sua estrutura cultural, onde os avançados meios de comunicação despejam diariamente imensa quantidade de informações e detritos ideológicos nas casas de bilhões de pessoas ao redor do planeta.

Esse mundo "pós-moderno", de luzes piscantes e pára-brisas em movimento, dissipou a solidez da memória transmitida oralmente, de pessoa para pessoa. Agora, as informações são tantas, que a mente do indivíduo já não pode lembrar-se de tudo que ele vivenciou no dia anterior.

As pessoas não mais se comunicam, simplesmente aprendem a lidar com o mundo informando-se e se formando isoladamente através de meios os mais diferentes possíveis, escolhidos aleatoriamente pelas diferentes pessoas, que pouco se comunicam ou preocupam-se minimamente com a experiência histórica. Nessa sociedade o próprio valor da vida tornou-se descartável.

Em meio ao turbilhão informativo, o que de fato resta de memória concreta da realidade histórica do passado, quais são os veículos transmissores na sociedade presente e a quais correntes político-ideológicas estão vinculados?

No caso brasileiro, a guerra em questão contribuiu para acelerar inúmeras mudanças que já estavam em curso, apesar de preguiçosas, como o processo de abolição da escravidão. Durante a guerra milhares de soldados negros morreram nos campos de batalha em nome da honra de seus senhores. Os batalhões aliados tinham tantos soldados negros que os guaranis associaram o exército do Imperador como composto de negros, "*macacos*", como se referiam em relação aos seus oponentes.

Com a guerra o exército ganhou força, se consolidou, lembrando que até o período imediatamente anterior à guerra o Império não tinha constituído um exército nacional, mantendo a Guarda Nacional como principal elemento de defesa. A guerra agiu como fato que envolveu todo o país em uma causa, mesmo que os soldados muitas vezes fossem recrutados de forma absurdamente autoritária e sofressem terríveis males. Quando dizemos que envolveu todas as regiões não significa que todos que participaram dela estavam engajados e convictos das causas por que lutavam, de forma nenhuma. O fato é que todas as províncias sofreram as conseqüências de uma guerra incerta, movida por interesses obscuros da política imperial.

Dessa forma, concordamos com Ricardo Salles quando diz que

> *"O esforço da mobilização nacional resultante da guerra, devido a suas dimensões, trouxe luz a regiões antes sombrias da sociedade escravista, como o papel e a situação dos setores livres populares. Como esforço nacional, a organização do exército implicou ressaltar os laços e contradições que uniam e*

> *opunham senhores, cidadãos, despossuídos e escravos na civilização do Império."*[8]

O movimento republicano também ganha força, ao lado do abolicionismo. O exército está suficientemente forte para empreender um golpe de Estado. Forças conservadoras preocupam-se com os rumos que as coisas poderiam tomar se a liberdade fosse proclamada além de certos limites. A nobreza assinou a Abolição, os militares tomaram o poder. Os conservadores controlam a possível revolução. Os negros continuam como serviçais ou andarilhos sobre estradas de outros donos. Daí por diante a história do Brasil continuará sendo marcada pelos pactos entre as oligarquias dominantes e destas com o grande capital internacional, que determina a política a ser praticada pelos países a quem chamam de "Terceiro Mundo".

[8] SALLES, Ricardo. *Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do exército*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. p. 60.

CAPÍTULO I

POSTURAS ANALÍTICAS

O estudo da guerra contra o Paraguai permitiu inúmeras reflexões acerca das características das relações estabelecidas pelas sociedades latino-americanas ao longo da sua história. Os relatos e textos escritos por participantes da guerra reconstituem imagens impressionantes do interior do cenário em que atuavam.

A Guerra do Paraguai é peculiar pelo estilo corpo a corpo que envolveu seus combatentes. Apesar do fato de que as marinhas dos dois países se enfrentaram em batalhas históricas naquela guerra, os combates mais sangrentos e decisivos envolveram basicamente infantaria e cavalaria, armadas com mosquetões, baionetas, lanças, flechas, espadas e alguns canhões.

Ao que parece, nos tempos atuais, quando pensamos em guerra nos sobrevem aquela imagem mecanizada, industrializada, com metralhadoras, aviões, tanques, submarinos, navios e bombardeios de todos os tipos. Imagem esta que ficou consolidada a partir da Primeira Guerra Mundial, culminando com o poder de fogo alcançado pela Ciência da Guerra contemporânea.

Os soldados brasileiros que lutaram na guerra contra o Paraguai não tiveram ao seu dispor o arsenal pirotécnico do poder de destruição alcançado pelos instrumentos bélicos da atualidade. Partiram sem rumo, em direção a territórios e inimigos desconhecidos, defendendo causas que não eram de fato suas; vide os casos dos chamados "Voluntários da Pátria".

Encontraram sofrimentos sem fim, a fim de destruírem aquele que seus líderes chamavam de 'tirano, terrível e sanguinário, inimigo da vida e da liberdade'. Seriam heróis os brasileiros? Seriam mais heróis os paraguaios? Morreram, deixando atrás de si rastros de sangue e destruição. Ambos sofreram terríveis provações na tentativa de lavarem com sangue a "honra de suas pátrias". A propósito, qual lado seria mais patriota nesta guerra, o brasileiro ou o paraguaio?

A bibliografia analisada em geral procura mostrar que a região banhada pela bacia do Rio da Prata, desde suas origens apresenta-se como foco de inúmeras rixas entre os pretendentes à exploração do local, que terminavam em lutas armadas entre europeus e indígenas por ampliação da área de conquista e, posteriormente, entre os conquistadores já estabelecidos entre si, envolvendo especialmente problemas de fronteiras e livre navegação pelos rios que banham a bacia do Prata.

Esta bibliografia apresenta diferentes posições sobre as razões que resultaram na deflagração da guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai.

Dentre estas estão as que consideram que o conflito foi arquitetado desde o início pelos interesses oficiais da Inglaterra, que viam a experiência paraguaia como ameaça aos interesses britânicos de domínio na América Latina, já que a suposta autonomia paraguaia serviria como mau exemplo, podendo influenciar outros países a seguirem o mesmo caminho.

Nesta linha se encontra Julio José Chiavenatto, autor que defende a idéia de que os interesses ingleses estavam no centro das discórdias que culminaram na guerra da Tríplice Aliança. A título de ilustração recortamos a seguinte passagem de um de seus textos:

> *"... a luta não se travava contra brasileiros e argentinos, meras extensões imperialistas, mas sim contra o coração do capital inglês, contestado em conteúdo dentro do Paraguai. Por isso estava determinada a guerra, a destruição total do Paraguai até o fim, mesmo que se tivesse de cometer, como se cometeu, um dos maiores genocídios que o mundo já viu."*[9]

Moniz Bandeira discorda desta versão, considerando logo no prefácio à segunda edição de sua tese de doutorado que

> *"... o Paraguai não constituía uma 'economia fechada' ou 'auto-suficiente' ou oposta, em termos estruturais, ao processo de expansão do capitalismo em escala regional. Pelo contrário, a ordem e a estabilidade políticas, que López lá assegurava, permitiam o avanço econômico contínuo e, aos olhos dos homens de negócios da City e dos policy makers do Foreign Office, favoreciam mais os interesses da Grã-Bretanha do que a*

[9] CHIAVENATTO. Julio José. Op. cit.. p.38.

desordem e a anarquia reinantes na Argentina."[10]

Alfredo da Mota Menezes também está entre os que discordam da versão que vê a Inglaterra como criadora da Guerra do Paraguai, o que fica exposto quando o autor diz que

> *"Quase tudo o que foi feito no Paraguai, como já se disse, no estaleiro, arsenal e ferrovia, foi por Whytead e a equipe de ingleses que trabalhava com ele. E tudo, no fundo, estava ligado ao grupo Blyth na Inglaterra. (...) Se os britânicos temiam uma futura competição naquela área, como é que eles mesmos estavam treinando e municiando seus prováveis competidores? Não havia nada que demonstrasse que a Inglaterra estava contra o Paraguai."*[11]

Existem também aqueles que defendem arduamente a versão oficial dos vencedores a respeito das causas daquela guerra, ou seja, a que diz que Francisco Solano López era um ditador sanguinário, que invadiu seus vizinhos em busca de glória pessoal, levando consigo todo o povo paraguaio a uma luta de vitória impossível, com a intenção de constituir um império no Prata sob o comando de seu poder supremo.

Tais versões procuram justificar a destruição do Paraguai em nome da liberdade e da justiça, destacando os soldados da Tríplice Aliança como heróis que lavaram a honra ferida de suas Pátrias. Entre estes estão principalmente os escritores militares. Representativo desta tendência, Reinaldo Correia Moreira

---

[10] BANDEIRA, L. A. Moniz. Op. cit., p.17.
[11] MENEZES, Alfredo da Mota. Op. cit. p. 55.

pode exclamar:

> *"Quantas atrocidades, quantos atos de desumanidade, quantas injustiças, quantas barbaridades poderiam ter sido evitadas se a desmesurada egolatria de um tirano audaz não tivesse existido, ou se as suas qualidades de líder inconteste tivessem sido voltadas para a grandeza e bem-estar de seus patrícios."*[12]

Diante de tais divergências entre autores da bibliografia pesquisada, podemos concluir pela necessidade de investigação, releitura, em suma, novo debruçar-se sobre as fontes na tentativa de elucidar tais contendas. Tarefa esta que nos fica como indicativo ou possibilidade de pesquisa, haja visto que neste trabalho preocupa-nos tentar delinear os elementos (ou o elemento) deste conflito que contribuem (ou contribuiu) na formação da identidade nacional, ou melhor, que permearam discursos nacionalistas que se destacam nos relatos e memórias de guerra.

[12] MOREIRA, Reinaldo Correia. Op. cit. p. 21.

CAPÍTULO II

O SENTIDO DA GUERRA

Considerando que partimos do pressuposto de que a Guerra do Paraguai, entre tantas abordagens que permite, pode ser lida como um dos elementos formadores da identidade nacional brasileira, ou melhor, que em torno da guerra se criou um discurso que se vale do conflito para conclamar a idéia de unidade, heroísmo, patriotismo, entendemos necessário observar algumas leituras e significados atribuídos ao conceito de *guerra.*

Ao compreender a guerra como forma de ação legítima do Estado – em sua concepção moderna – compreenderemos também as estratégias de coerção usadas para convencer os indivíduos de sua inserção na comunidade maior – a *nação*. É ponto pacífico entre boa parte dos teóricos do conceito de nação que, apesar de livre, o indivíduo deve ter seus interesses pessoais subordinados ao interesse do grupo. E, por outra, é também ponto pacífico a idéia de que no conflito com o outro nos reconhecemos como o 'uno'.

Segundo Montserrat Guibernau[13], citando Heinrich von Treitschke, podem ser identificados na guerra três funções principais: 1) solucionar contendas entre Estados independentes; 2) 'medicar' a desunião nacional e; 3) criar novos Estados. Se o Estado perde sua independência, deixa de ser Estado. Dessa forma, para Treitschke, compete ao Estado administrar a justiça, criar uma lei moral e guerrear. Deve para isso possuir recursos suficientes e soberania absoluta. Fato este que, por sua vez, nos conduz de volta às considerações sobre o indivíduo e permite pensar que homens de todas as origens e níveis sociais – 'brasileiros' – seguiam a voz suprema do Estado, que determinava numa concepção aristotélica que:

> *"O indivíduo deve esquecer o próprio ego e sentir-se um membro do todo; deve reconhecer que sua vida não é nada em comparação com o bem estar geral (...) o indivíduo deve sacrificar-se por uma comunidade superior à qual ele pertence; mas o Estado é, por si mesmo, o mais alto na comunidade exterior dos homens."*[14]

Segundo Gaston Bouthoul, Hegel – considerado desavergonhado apologista da violência e da guerra – acredita que a violência tem caráter civilizador. Entendia a guerra como um mal necessário para atingir o espírito absoluto[15]. Bouthoul considera ainda a afirmativa de Maquiavel, segundo a

---

[13] GUIBERNAU, Montserrat. *Nacionalismos – o Estado Nacional e o Nacionalismo no século XX*. Rio de Janeiro, Zahar, 1997.
[14] GUIBERNAU, Montserrat. Op. cit., p. 16.
[15] BOUTHOUL, Gaston. *A Guerra*. (Geraldo Gerson de Souza – trad.) São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1964, p. 17.

qual 'toda guerra é justa desde que necessária', ressaltando que era partidário sobretudo da guerra preventiva,

> *"...para que a pátria seja bem defendida, muitas vezes é preciso atacar primeiro: os romanos, prevendo de longe os inconvenientes (futuros), aparelhavam-se logo e não os deixavam imperar para evitar uma guerra. Sabiam que não se evita a guerra, mas de um adiamento sempre quem tira vantagem é o inimigo.*[16]"

Bouthoul considera ainda que Maquiavel entendia que um príncipe, para governar, tinha muitas vezes que '.violar as leis da humanidade, da caridade e da religião'.

Comentando Comte, Bouthoul afirma que este pensador apresenta uma lei de evolução da guerra, que é paralela à sua lei dos três estados: primeiro, a guerra por si mesma e por necessidade, entendendo que o militarismo era tão indispensável quanto inevitável; segundo, ela subsiste subordinada ao industrialismo nascente e decresce com o desenvolvimento do mesmo, e por fim a industrialização viria suprimir as guerras[17]. Afirmações estas que são hoje totalmente desmentidas, pois a indústria ampliou a guerra e se tornou serva do militarismo.

Finalmente, aproveitamos mais algumas considerações de Bouthoul a respeito da concepção marxista. Diz que segundo esta 'sempre houve apenas uma guerra eterna, a dos pobres contra os ricos', ou seja, a luta de classes.

---

[16] BOUTHOUL, Gaston. Op. cit., p. 22.
[17] Idem. 24/5.

Sendo também inevitável considerar que todos os conflitos, para o marxismo, tem sua origem nos antagonismos econômicos – aspecto inseparável dos conflitos armados[18].

Pensando nas diversas definições de guerra é necessário destacar que esta tem caráter de fenômeno coletivo[19], diferenciando-se portanto dos conflitos individuais. Ou melhor, é o mesmo que afirmar que a violência individual é criminosa e a violência da guerra, justificada. Há na guerra, segundo a leitura de Bouthoul, traços distintivos: um é o elemento subjetivo – a *intenção*, e o outro o elemento político – a *organização*. Há na guerra também um caráter jurídico, ou seja, a guerra é como um contrato: regida por regras, por um direito formal ou consuetudinário. Chama a atenção para a definição adotada por Quince Wright:

> *"A guerra pode ser considerada como um conflito simultâneo de forças armadas, de sentimentos populares, de dogmas jurídicos, de culturas nacionais."*[20]

A guerra apresenta ainda um caráter psicológico particular. Por exemplo, a pena de morte aplicada a um criminoso perigoso pode abalar muito

---

[18] Idem, ibidem, p. 27.

[19] A Guerra tem caráter coletivo em diferentes sentidos: pode-se pensar a guerra como reunião de grupos compostos por pessoas que assumem o compromisso de lutarem em conjunto contra um ou mais inimigos comuns; tais grupos por sua vez podem compactuar entre si formando blocos constituídos por sociedades que, organizadas de acordo com princípios politico-ideológicos que se aproximam, se unem para lutarem contra outros blocos ou grupos isolados que por sua vez estão ligados às suas próprias características sociais e pactos de política de guerra. Assim as sociedades modernas se caracterizam até os dias de hoje, quando as trevas da Segunda Guerra Mundial ainda permanecem e a humanidade não dá mostras de que pretenda de fato se tornar pacífica.

[20] BOUTHOUL, Gaston. Op. cit., p. 34.

mais e criar ambiente para amplos debates do que o envio de jovens saídos da adolescência para os *fronts* de combate. Os combatentes, por sua vez, passam a viver uma outra realidade social e hierárquica, sendo parte de um conflito determinado, tornando-se defensores de uma causa, a despeito de sua consciência sobre a mesma.

A título de exemplo tomamos o relato do General Dionísio Cerqueira, como já aludimos anteriormente, um soldado advindo do seio da aristocracia militar e política da época, segundo ele alistando-se espontaneamente, em defesa de sua Pátria:

> *"A 2 de janeiro de 1865, cinco dias antes do decreto dos Voluntários da Pátria, apresentei-me no quartel-general para assentar praça como 'voluntário do exército (...), eu tinha dezessete anos, mas parecia mais moço. Trajava apuro."*[21]

O General Cerqueira confessa seu estranhamento diante da nova etapa de sua vida militar, apesar de sua abnegação em nome da Pátria. Sentiu a diferença ao desligar-se da Escola Militar e da proteção por parte de sua tradicional família, o que fica exposto quando o autor diz que:

> *"Entre meus colegas, meus professores e amigos de minha família, eu era considerado, estimado e tratado de igual para igual. Ali, no quartel-general, onde ia depor as minhas oferendas no altar da pátria, diziam a um cabo brutal e analfabeto, apontando desdenhosamente para mim: leva este homem."*[22]

---

[21] CERQUEIRA, General Dionísio. *Reminiscências da Campanha do Paraguai*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1980, p. 48.
[22] Idem, p. 48.

"A minha situação, pois, sob o ponto de vista pecuniário não era das mais folgadas, porquanto até então vivera com hábitos de abastança."[23]

Analisando a situação do próprio exército, Cerqueira comenta:

"O nosso pequeno e mal aparelhado exército deixava muito, senão tudo, a desejar, desde a instrução técnica e o preparo indispensável para a guerra até o comissariado de víveres e forragens, o serviço sanitário, o aprovisionamento de armas, fardamento, equipamento, meios de transportes.

(...)

À exceção dos poucos corpos que haviam invadido o Estado Oriental, era constituído de soldados bisonhos dos batalhões de linha que viviam nas províncias, dando guardas e destacamento pelo sertão e fazendo diligências policiais; e de paisanos recentemente alistados Voluntários da Pátria, que não tinham tido ainda tempo de passar a prontos do exercício de recrutas.

Toda aquela paisanada, em cujo olhar brilhava o fogo patriótico, tinha somente para lhe servir de modelo o pequeno núcleo formado pelas forças que estacionavam de guarnição no Rio Grande, invadiram o Estado Oriental e pelejaram galhardas em Paissandu, defendida bravamente pelos soldados de Leandro Gómez."[24]

"Não só os que tinham feito a recente campanha do Uruguai, como os que vinham chegando, estavam bastante desprovidos do fardamento e equipamento. Os nossos arsenais não podiam, pelo que se via, satisfazer as nossas necessidades, e o Ministro da Guerra, Visconde de Camamu, ordenou ao General Osório que mandasse comprar do Rio da Prata o que fosse necessário.

Daí, originou-se a falta de uniformidade do nosso fardamento. Recebi uma blusa de baeta vermelha,

---

[23] Idem, ibidem, p. 56.

[24] CERQUEIRA, General Dionísio. Op. cit., p. 63.

> *alpercatas de gringo com sola de corda trançada e calzoncillos de gaúcho, com franjas."*[25]

Apesar de toda falta de condições e despreparo do exército, do pouco ou nenhum reconhecimento que recebe, em nenhum momento o general Dionísio Cerqueira faz alusão à idéia de desertar.

De acordo com seu relato, somando-se ao despreparo geral da tropa, desconhecimento do território e toda a sorte de inclemências da natureza, tudo nos acampamentos era feito, quando o fosse, de forma morosa e descompromissada.

> *"A vida passava entre a indolência e a monotonia, só interrompidas quando chegava algum transporte com corpos novos, que vinham reforçar o pequeno exército, a se organizar lentamente como se tivéssemos certeza de que o inimigo nos esperaria. O general fazia o que podia, mas estávamos tão mal preparados quando foi declarada a guerra, que, apesar dos esforços empregados pelo governo e do patriotismo dos brasileiros, seis meses depois ainda nada podíamos tentar para tomar a ofensiva."*[26]
>
> *"Não me consta que durante os quatorze meses, que medearam entre a rendição de Montevidéu e a passagem do Paraná, houvesse um só exercício de tiro ao alvo, quer na artilharia, quer na infantaria ou cavalaria."*[27]

Esse testemunho vem coadunar integralmente com as teorias e

---

[25] Idem. p. 63.
[26] CERQUEIRA, Dionísio. Op. cit., p. 64.
[27] Idem. p. 55/66.

significados atribuídos ao episódio da guerra. Apesar do despreparo, da falta de condições objetivas de sobrevivência e combate, sobrepõe-se o ideal de defesa da Pátria ou de conquista e domínio do novo território. Conquista essa justificada por razões políticas e econômicas, que evidentemente não bonificariam a todos os combatentes, haja visto que sua condição social e econômica, na maioria dos casos, não se altera.

As afirmações do general Dionísio Cerqueira nos fazem pensar num dos aspectos que privilegiamos: que 'força' aglutinaria esforços em torno de uma causa, ainda que as condições reais desabonassem esta atitude? Pensamos aqui na importância e relevo que adquire a reflexão sobre a idéia de nação e junto dela a de identidade nacional.

CAPÍTULO III

NAÇÃO E NACIONALISMO: FRUTOS DO CONFLITO?

Mais uma vez, vemo-nos enredados num terreno pantanoso de conceitos e concepções sociais e históricas. Buscamos apoiar-nos em autores como Eric Hobsbawn, Benedict Anderson, Mariátegui, Montserrat Guibernau, entre outros, que se empenharam na árdua tarefa de buscar definir os conceitos de nação e identidade nacional.

Os referidos conceitos são complexos e sua discussão tradicional. Desde o processo das independências na América Latina, observadas suas diferenças temporais, os nossos Estados Nacionais (países) independentes tem como centro de seus debates elencar os elementos que coadunem para estruturação da nação, do espírito nacional, da identidade nacional. Assim, observamos algumas considerações tecidas por estes autores que entendemos contribuir para compreensão da complexidade e amplitude da discussão.

Guibernau entende o nacionalismo como *fenômeno inesperado e poderoso*[25]. Suscita o problema de uma identidade e distingue três abordagens que explicam o nacionalismo: a primeira, que entende a nação como

[25] GUIBERNAU, Montserrat. Op. cit., p. 09.

portadora de um caráter imutável, tratada como essencialismo; a segunda prima pela modernização, desenvolvimento de modelos de comunicação e ênfase a fatores econômicos; e uma terceira, que desenvolve teorias psicológicas associadas à necessidade dos indivíduos de se envolverem numa coletividade com a qual possam identificar-se.

Hobsbawn em sua obra *Nações e Nacionalismos- desde 1780*[29], apresenta uma síntese sobre a trajetória histórica do conceito de nação. Afirma que no século XIX os debates sobre a questão nacional eram acirrados e objeto de constante preocupação. O autor aponta para o vazio de identidade gerado com o colonialismo e observa como as pessoas buscavam recriar uma rede de relações ou comunidades reais ao que lhe parece, desejando realizar uma substituição.

Para Benedict Anderson a nação *"é uma comunidade imaginada e imaginada como implicitamente limitada e soberana."*[30] Esclarece que o termo 'imaginada' refere-se ao fato de que os membros de uma nação dificilmente se conhecerão e que, o que os une são elementos subjetivos – valores simbólicos.

Importa observar que a questão da identidade nacional traz historicamente em seu contexto a dificuldade de definição de quais elementos

---

[29] HOBSBAWN, Eric J. *Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1990.

[30] ANDERSON, Benedict. *Nação e Consciência Nacional*. São Paulo: Atica. 1989. p.14.

comporiam tal entidade - a *nação*. Sendo assim lançamos mão de diversas concepções apresentadas por esses autores, cada qual indicando as dificuldades e vantagens de cada elemento – quais sejam: a língua, o território, a raça, a cultura, e segundo Mariátegui, a própria História de um povo.

Hobsbawn aponta para as invenções nacionalistas simbolizadas por bandeiras ou ícones sagrados. Trata o autor dos riscos de que a identificação do Estado com a nação possa criar um contra-nacionalismo. Diz ainda que sabemos muito pouco sobre o significado da consciência nacional. Para esse autor

> *"A aquisição de uma consciência nacional não pode ser separada da aquisição de outras formas de consciência social e política..."*[31]

Hobsbawn relaciona os movimentos de Independência com a instituição da nação. Entende que o fato de que os Estados são hoje todos Estados-Nações, em termos oficiais, não significa que sejam de fato *Nações*.

> *"O significado histórico decadente do nacionalismo atualmente é ocultado não apenas pela expansão visível das agitações étnico-linguísticas, mas também pela ilusão semântica que deriva do fato de que todos os Estados são hoje 'nações" em termos oficiais, embora muitos deles não tenham nada em comum com o que o termo 'Estado-nação' possa significar; e portanto, todos os movimentos que procuram obter a independência encaram a si mesmos como nações instituintes mesmo quando evidentemente não o são; e que todos os movimentos por interesses regionais, locais ou mesmo setoriais, que se colocam contra a centralização e a*

[31] HOBSBAWN, Eric J. Op. cit., 152.

> *burocracia estatal, irão se possível, verstir o hábito nacional da moda."*[32]

Anderson e Hobsbawn entendem que manifestações culturais podem constituir a identidade de um povo, manter sua coesão, delinear especificidades, transmitir sua memória de forma discreta, mas poderosamente efetiva. Os movimentos de resistência, mesmo nessa esfera, parecem surgir como elemento aglutinador da identidade nacional.

Tais reflexões deixam clara a dificuldade em estabelecer-se um elemento de coesão, um fator comum aos habitantes de um território dito nacional. Assim, tomando também as observações de Mariátegui[33] podemos dizer que a figura de um "inimigo" faz reconhecer nossos *parceiros* e clarificar a imagem do *outro*. A necessidade de união contra este *outro* faz valorizar a própria cultura e o próprio território. Em outros termos, seria dizer que a imagem do outro nos serve de espelho para o auto-reconhecimento. É o conflito com o externo que chama os homens "da terra" à união. Mariátegui discorda que a nação seja uma abstração ou um mito; para ele nem a civilização nem a humanidade o são também, levando-o assim a considerar que há elementos concretos e definidos, constituintes da identidade nacional.

Passados os movimentos de descolonização, o Estado precisa criar um

---

[32] HOBSBAWN, Eric J. Op. cit., p. 202.

[33] Ver: MARIATEGUI, J. C. *Sete ensaios da Realidade Peruana*. São Paulo, Alfa Ômega, 1975. E _____. *Temas de Nuestra America*. Peru: Amauta, 1986.

"espírito nacional", uma consciência nacional, enfrentadas as dificuldades existentes. Observa Mariátegui que a questão do território nacional também torna-se polêmica, tanto em suas limitações geográficas quanto em sua organização política. Para o autor, a hierarquização do espaço resulta numa hierarquização da defesa do chamado território nacional, que fica quase sempre nas mãos de uma elite, sem condições de fazê-la. Observa que a ação militar é quase sempre acionada em nome da ordem mediante os movimentos de descolonização, prevalecendo contudo o modelo da opressão e do silêncio. Nas palavras do autor o povo é quase sempre sufocado por políticas econômicas e sociais de uma elite que depende de relações exteriores mesmo depois das independências, posto que alcançam independência política mas não econômica, o que mantém a subordinação. Para ele o nacionalismo é válido como afirmação e não como negação. Identificar-se internamente, e defender-se, significa diferenciar-se do outro, mas nem sempre é o bastante para libertar-se dele.

Vale ainda observar que o autor afirma que os conflitos não são de fato entre nações antagônicas, mas sim entre blocos, conglomerados de interesses econômicos e industriais: conflitos entre dois capitalismos adversários, a exemplo, o britânico e o alemão que conduziram o mundo a uma grande guerra. Considera que o Estado burguês constrói suas bases na nação, mas seus interesses econômicos em bases internacionais, podendo valer-lhes a

própria sobrevivência. Esta indicação aponta para a necessidade de união entre os Estados de uma nação (federalismo). O conflito externo deve suplantar, supostamente, as diferenças existentes entre os cidadãos, herdeiros das seqüelas da colonização de marginalização da América, fator este que poderia adiar a construção da nação.

Mariátegui fala de um comportamento dos povos americanos que induz a pensar na unidade. É na sua história que encontramos os elementos de união. É a fatalidade histórica que aglutina os homens.

> *"...Estos pueblos, realmente, no sólo son hermanos en la retórica sino también en la historia"*[34].

À guisa de observação, lembramos que Mariátegui entende que a beligerância entre as nações latino-americanas são guerras criminais. Para ele estes conflitos só impedem o destino histórico destes povos.

Na concepção apresentada por Guibernau, que apóia-se na concepção aristotélica apresentada nos escritos de Heinrich Von Treitschke, temos a definição do Estado como "o povo legalmente unido como um poder independente". Entende povo como "uma grande quantidade de famílias que vivem permanentemente juntas". Nesta concepção o Estado é o poder e está acima dos indivíduos e dos seus interesses individuais. Deve o Estado

[34] MARIATEGUI, J. C., *Temas de Nuestra America*, Op. cit., p. 13

moralizar e humanizar. E o nacionalismo busca inspiração no passado para restaurar a identidade nacional e livrar a nação de seus opressores. [35]

Guibernau apresenta ainda outra consideração importante de Treitschke, segundo a qual o Estado detém o monopólio da violência: "o direito às armas distingue o Estado de todas as formas de vida organizada". E acrescenta: 'o Estado se fundamenta na posse do território'. Guibernau chama atenção para o fato de que o próprio Weber irá incorporar à definição de Estado o território e a violência como elementos cruciais.

Treitschke entende, segundo Guibernau, que os tratados internacionais podem ser freqüentes mas é impossível ou inviável um tribunal definitivo das nações e portanto, o apelo às armas será sempre válido, residindo aí o caráter sagrado da guerra que é, segundo ele, uma atividade normal da nação. Entende que a supressão da rivalidade é simplesmente 'uma tolice'. O autor nem considera nem deseja um destino pacífico para a humanidade:

> *"a guerra é a ciência política por excelência. Muitas e muitas vezes se tem provado que só nela um povo se torna povo de verdade. É apenas na realização comum de feitos heróicos pela causa da pátria que uma nação se torna verdadeira e espiritualmente unida."* [36]

Citando Durkheim, Guibernau afirma:

> *"...emitindo o mesmo grito, pronunciando a mesma palavra, ou executando o mesmo gesto em relação a algum objeto que elas (as pessoas) se tornam e se sentem*

[35] GUIBERNAU, Montserrat. Op. cit. p.28
[36] GUIBERNAU, Montserrat. Op. cit., p. 16

harmônicas."[37]

As afirmações apresentadas nos levam a refletir acerca do segundo ponto que enunciamos para reflexão nesta pesquisa – a relação entre a guerra e a formação de discursos que a compreendem como constituidora fundamental da identidade nacional de um determinado povo.

Mantidas as devidas ressalvas (referentes aos diversos elementos constituidores da imagem da nação), a guerra, enquanto entidade política, apresenta-se-nos como a resposta para aglutinar sujeitos dispersos em sua própria historicidade, ou melhor, na teia de sua própria história, fruto dos conflitos de colonização e espoliação, para torná-los os defensores da Pátria – apesar de não possuirem sequer sete palmos de terra. Fato este que por si só bastaria para desbancar a idéia de nação enquanto território: que interesse teria em defender estes mesmos elementos o indivíduo despossuído da língua e da propriedade de terras, aculturado e sem direitos políticos?

Contudo, conforme nos diz o autor, a guerra funciona como medicamento contra a "desunião nacional" e a "falta de patriotismo". Mas afinal, o que é mesmo ser patriota? Ao que parece, entregar a própria vida, o próprio destino em defesa de um ideal político que pode culminar na guerra.

Guibernau finalmente entende nação como

---

[37] Idem, p. 35.

> *"Um grupo humano consciente de formar uma comunidade e de partilhar uma cultura comum, ligando-a a um território claramente demarcado, tendo um passado e um projeto comuns e a exigência do direito de se governar"*[38].

Destaca cinco dimensões para a nação: a psicológica, a cultural, a territorial, a política e a histórica. Por nacionalismo, aponta o autor para o sentimento de pertencimento a uma comunidade, onde os membros desta se identificam com um conjunto de simbolos, crenças e estilos de vida, e tem a vontade de decidir sobre seu destino politico comum. Guiados por esse pensamento poderíamos até compreender a abnegação de Dionisio Cerqueira, que abrindo mão do conforto do seu lar, de sua confortável posição social, sujeita-se às agruras da guerra, bem como às mazelas que lhe acompanham, em nome de seu "pais".

Guibernau considera que Treitschke vai mais longe ainda quando diz que o indivíduo deve entrega absoluta ao Estado e que este "é o poder da raça mais forte que se estabelece"[39]. Ironicamente reconhece que o homem possui uma alma imortal e individual e pode pensar livremente a respeito de Deus e das coisas divinas, mas não admite religiões diferentes dentro do mesmo Estado. Descreve o genuino patriotismo como a consciência de cooperação com o organismo politico, o enraizamento em realizações ancestrais e a

[38] GUIBERNAU, Montserrat. Op. cit. p. 56
[39] MONTSERRAT, Guibernau. Op. cit., 156

transmissão destas aos seus descendentes.

Para ele um passado histórico comum é aspecto constitutivo do patriotismo, além do que este patriotismo requer participação ativa. Destaca a honra nacional como um fator que deve ser legado de uma geração a outra, venerada como algo sagrado e suficientemente forte para compelir o indivíduo a sacrificar-se por ela – estando acima de qualquer preço. Reafirma a idéia de que somente nações "bravas" podem estar seguras e que as "covardes" serão fatalmente derrotadas.

Cabe observar que o Estado apresenta claramente a necessidade de legitimar seu poder. Além do que, os elementos que constituem a nação, são por vezes, diversos, e não poderiam servir por si só para aglutinar interesses. Assim, surge em seu interior como tarefa principal a rejeição do poder do 'Estado alheio'. O que, sem dúvida, justifica a luta armada. O nacionalismo então, como princípio ideológico, político, sustenta a idéia de que a nação e o Estado devem ser congruentes. Ironicamente, Guibernau nos lembra que o nacionalismo é importante porque:

> *"Representa a vontade do povo de ser capaz de decidir seu próprio destino político, sua vontade de ser respeitado como um povo apto a desenvolver sua cultura e personalidade"*[40].

Contudo, não podemos esquecer-nos de que, por definição, para essas

[40] GUIBERNAU, Montserrat. Op. cit., p. 72.

interpretações os interesses do Estado – representação do 'todo'- deve estar acima do individual, sendo assim, o poder de coerção do Estado fica justificado. E no sistema político 'global' (moderno), a nação implica tanto a semelhança entre seus membros quanto a diferença em relação aos estranhos. As fronteiras surgem assim como frutos da exigência de interação social. Logo, protegê-la deve ser tarefa do Estado – fomentado pelos ideais da nação, e sustentada com a força política do nacionalismo. Os símbolos ganham importância primordial, e dessa forma, o soldado morre por sua bandeira, pois identifica-a com e como o seu país. Perde a dimensão simbólica da bandeira, em si mesma, e passa a tratá-la no seu valor representativo – o país.

Diante deste universo de considerações a respeito do caráter, significado dos conceitos de nação e nacionalismo, vemos de forma não pouco sinuosa a relação entre a conduta do Império do Brasil, frente a questão com o Paraguai e as diversas abordagens teóricas e filosóficas a respeito da constituição e condução do Estado.

É sabido que ao ser colonizada a América pela Europa, não foram apenas seu território e economia dominados: houve, sem sombra de dúvida, uma colonização cultural baseada na tradição filosófica européia. Ponto de partida para a descolonização, segundo latino-americanistas como José Carlos Mariátegui. Sendo assim, ao pensar as razões da guerra, bem como suas estratégias, e mais do que isso, suas repercussões nas estratégias de

consolidação da idéia de nação brasileira, ficam claras as influências do pensamento tradicional (europeu).

CAPÍTULO IV

GUERRA CONTRA PARAGUAI E DISCURSOS DO NACIONALISMO BRASILEIRO

Como em toda a América Latina, houve inicialmente no Brasil uma luta em torno da busca de Independência voltada para a face política, uma vez que é indiscutível a continuidade de uma dependência econômica, até mesmo em função do caráter de uma economia internacionalista/imperialista. Cabe lembrar então que o período que se seguiu à Independência brasileira foi marcado por grandes e significativas agitações políticas internas (as inúmeras insurreições) e externas (especialmente, como vimos, na fronteira sul), referentes ao processo de consolidação da autonomia do país.

Contudo devemos observar que a Independência não foi um processo resultante dos interesses de um projeto nacional de um "povo consciente". A organização do Estado Brasileiro, naquele momento, tendia para uma monarquia constitucional de índole autoritária – D. Pedro I tomou medidas que moldavam no Brasil um "liberalismo moderado" que garantia sua superioridade sobre os "representantes da nação". Vale observar que o sistema de voto indireto estabelecia de certa forma quem eram os cidadãos brasileiros:

somente os possuidores de uma determinada renda anual que escolhiam os deputados e senadores nos processos eleitorais.

No momento em que Pedro I abdica em favor de seu filho pode se dizer que não havia ainda uma idéia clara do que significava ser brasileiro. A despeito da vitória das forças conservadoras, que lançaram as bases políticas do Estado Nacional brasileiro, as tensões e as crises persistiam, impedindo a formação de uma mentalidade nacional.

Segundo Norberto Bobbio

> *"Nação é concebida como um grupo de pessoas unidas por laços naturais, e portanto eternos – ou pelo menos existentes – e que, por causa desses laços se torna a base necessária para a organização do poder sob a forma do Estado Nacional. As dificuldades se apresentam quando se busca definir a natureza desses laços, ou pelo menos identificar critérios que permitam delimitar as diversas individualidades nacionais, independentemente da natureza dos laços que a determinam."*[41]

Na afirmação de Bobbio, podemos entender que o Estado não é definido com precisão por normas ou padrões. Analogamente, definir os elementos que caracterizam a nação tambem cria dificuldades.[42] Os Estados Nacionais, e por conseguinte a idéia de nação, surgem em momentos históricos diferentes nos países da America Latina, "aproveitando-se" de situações peculiares e sofrendo diversas influências – internas e ou externas.

---

[41] BOBBIO, Norberto et. al. *Dicionario de Politica*. Brasilia, Unb, 1983. (Verbete: *Nação*)

[42] Sobre a definição de nação e seus elementos essenciais, ver: Hobsbawn, Anderson, Guibernau, entre outros.

A guerra contra o Paraguai, segundo a análise de Carlos Guilherme Motta, é um elemento de extrema importância na história da América Latina. Compara-a à guerra civil americana:

> *"A Guerra do Paraguai, ou a Guerra da Tríplice Aliança, ou, mais propriamente, a guerra contra o Paraguai marca indelevelmente a história contemporânea da América Latina. Foi a maior guerra da história da América do Sul."*[43]

E vai mais longe ao afirmar que:

> *"Na perspectiva de uma história contemporânea da América Latina que englobe a historicidade específica do subcontinente em sua longa duração a revisita a esse momento-chave de nossas histórias torna-se pois, fundamental, porque é aí que se consolida a própria idéia de América Latina."*[44]

Destaca o autor ser este o momento do "nó histórico/ideológico", que uma vez desatado poderá permitir o avanço a um futuro crítico e democrático e acrescenta que não foi por acaso que os "Estados de Seguridade Nacional" proibiram tocar em temas como estes, entre eles a Guerra do Paraguai, ou figuras como Caxias e Tamandaré.

No caso brasileiro a Guerra do Paraguai aparece como uma situação peculiar (grande conflito externo) e que produz modificações em algumas estruturas, como a das forças armadas imperiais. Sua participação na Guerra

---

[43] MOTTA, Carlos Guilherme. *A Guerra Contra o Paraguai: A História de um Silêncio*. In: MAGALHÃES MARQUES, Maria Eduarda Castro. (org.). A Guerra do Paraguai: 130 anos depois. Rio de Janeiro: Relume-Dumaiá, 1995 p. 40.

[44] Idem, p. 47/8.

contra o Paraguai foi fundamental para garantir a vitória dos Aliados da Tríplice Aliança, mas também o foi para sua efetiva organização.

A situação de guerra criou nos oficiais comandantes e nos combatentes a idéia de defender a nação - *salvadores da Pátria* - considerando que não havia aqui uma definição do que fosse de fato a *nação brasileira*. O que havia era um interesse de defender território geográfico, mas também econômico e político, o que significava demarcar fronteiras do *território nacional*, bem como definir a relação que se estabeleceria entre os líderes políticos e econômicos dos Estados Nacionais (latino-americanos e europeus).

Apesar disso os militares, uma vez terminada a guerra, foram relegados a um segundo plano na vida política nacional. Durante o conflito estabeleceu-se sua experiência de convivência com regimes republicanos, defensores das idéias liberais, contrastantes com o regime monárquico escravista brasileiro que deu-lhes subsídios para exigirem uma maior participação na vida política e por conseguinte argumentos para defender a implantação da República Brasileira. Criava-se um clima de luta entre militares e políticos civis, visualisada nas imagens de *"o homem da tarda"* versus *"o homem da casaca"*.

A respeito das modificações na sociedade brasileira depois da guerra contra o Paraguai, Ricardo Salles nos diz o seguinte:

> *"O país terminou a guerra do Paraguai mudado: um tema nacional havia sido debatido, o governo*

> *imperial e a classe dominante haviam tido necessidade de buscar recursos humanos fora da estrutura social rígida e excludente do escravismo, uma nova instituição nacional com raízes em outros grupos sociais emergiu da guerra com amplo reconhecimento moral, sem contudo contar com espaço de participação e poder social e político condizentes com esse reconhecimento."*[45]

No interior dessa nova instituição gerou-se a idéia de que só ele, o Exército, podia "salvar" a nação. Influenciados pelo positivismo de Augusto Comte e cujo divulgador no exército foi o professor e militar Benjamin Constant, assumiam posições em questões significativas como abolicionismo e republicanismo, o que os levavam a constantes choques políticos, onde assumiam sempre a posição de grupo e nunca individual, ou seja, falava-se em nome *do exército*. Dessa forma o Exército incorporava a imagem de "puro", "incorrupto", investido de uma tarefa moral a cumprir: regenerar a vida pública do país, salvando-o das ignominias partidárias.

O General Dionísio Cerqueira, a esse respeito, diz em seu relato:

> *"Dávamos os primeiros passos na carreira militar e longos anos tínhamos de percorrê-la para chegar à altura dos nossos generais, cuja alta missão era conduzir-nos à vitória e preparar continuamente o espírito para o exercício da função política, a mais nobre que pode aspirar um homem de guerra. Em um Estado a melhor situação é aquela em que o generalíssimo e o político estão reunidos nas pessoas do seu chefe, diz Von der Goltz. Os maiores generais foram também os maiores políticos e homens de Estado: Alexandre, César, Frederico e Napoleão. A vida militar*

[45] SALLES, Ricardo. Op. cit., p. 65

> *dá o hábito da ordem, ensina a disciplina, inocula o respeito à lei e faz intenso o amor à glória da Pátria."*[46]

Além disso, o Exército - que saira da guerra vitorioso, modernizado, popular – levava em suas fileiras ex-escravos e outros indivíduos de baixa condição sócio-econômica que haviam se agarrado ao exército como forma de ascensão social:

> *"a posteriori, ...repercutiu sobre o conjunto da sociedade, abrindo espaços e reconhecimento para grupos e classe subalternos."*[47]

Apesar disso havia por parte da elite "civil" uma tentativa de reintegrar o ex-escravo à condição de escravo, o que fazia as autoridades militares posicionarem-se contra o escravismo:

> *"É interessante notar os conflitos surgidos depois da guerra, em algumas províncias, pelas tentativas de alguns senhores de fazer valer seus direitos de propriedade sobre escravos que haviam lutado na guerra. As autoridades posicionaram-se contra a possibilidade de um voluntário da Pátria voltar à sua condição servil."*[48]

Leslie Bethell afirma que

> *"O recrutamento, o treinamento, o fornecimento de vestuário, de armamentos e o transporte para um exército tão grande tinha desenvolvido a organização ainda rudimentar do Estado Brasileiro. A guerra também aguçou as tensões sociais de diversas maneiras, mas no saldo final, estimulou a causa da reforma social. De maneira bastante significativa, em maio de 1867, D. Pedro anunciou que, após a guerra, seriam tomadas*

[46] CERQUEIRA, General Dionísio. Op. cit., p. 57
[47] SALLES, Ricardo. Op. cit. p. 62
[48] Idem

> *medidas no sentido de emancipar os escravos brasileiros."*[49]

Flora Süssekind, em recente artigo publicado pelo Jornal *Folha de São Paulo*, faz alusão ao trabalho de José Murilo de Carvalho *"Brasil, nações imaginadas"*, onde afirma que coube à Guerra do Paraguai uma mobilização de grandes parcelas da População, sendo portanto "a experiência coletiva que foi o maior fator de criação de identidade nacional desde a Independência", mas que, paralelamente, produziram-se, no âmbito dessa mesma experiência, imagens contraditórias da dita abrangência nacional, sendo a mais evidente a presença escrava no exército. Justifica a afirmação de Dionísio Cerqueira quando fala da infantaria como a "plebe" do exército e, sobre as diferenças de tratamento que sublinhavam divisões hierárquicas internas, Süssekind esclarece:

> *"Diferenças de tratamento ('O cólera só tem atacado aos desgraçados soldados que dormem a maior parte do tempo ao relento, sem roupa para agasalharem e sem uma alimentação regular') e choque entre mérito ('Os homens de bem andam aborrecidos e vexados') e clientelismo ('Os aduladores andam assanhados'), enfatizados também por Benjamim Constant no interior da organização militar brasileira."*[50]

E continua esclarecendo:

---

[49] BETHELL, Leslie. *A Guerra do Paraguai – história e historiografia*. In MAGALHÃES MARQUES, Maria Eduarda Castro. (org.). A Guerra do Paraguai: 130 anos depois. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995, p. 32

[50] SÜSSEKIND, Flora. *Guerra Revisitada*. Especial. Folha de São Paulo, 14/10/2000.

> *"Se a mobilização geral (incluindo as camadas médias e populares, além de escravos), ao lado da figuração de inimigos externos, questão de fronteira 'ódios étnicos', parecem reforçar militarmente uma experiência de nacionalidade, uma simbolização nacional durante a campanha do Paraguai, as tensões e os desequilíbrios hierárquicos entre as forças sociais mobilizadas tornam visíveis as heterogeneidade, conflitos e fatores de desestabilização presentes nesse Estado nacional imperial, paradoxalmente em processo de consolidação."*[51]

Nesse mesmo sentido Ricardo Salles afirma que a constituição de um exército moderno em meio ao conflito platino, índice de estabilidade e poderio da civilização escravista imperial no Brasil, produzia também espaços contraditórios que se ampliavam em proporções monumentais e também em notas menores de correspondências pessoais, como a de Benjamin Constant, contrastando representações conflitantes da campanha, onde se reestrutura o sentimento e se reelabora a experiência da guerra.

Nos relatos como os de Taunay e Dionísio Cerqueira, os testemunhos evidenciam a intensificação do sentimento nacional, via ação militar, nos seus aspectos mais particulares e concretos. Há referências aos "símbolos sagrados da Pátria" e em nome dela derrama-se o próprio sangue. Para Dionísio Cerqueira o homem nada vale, a Pátria é tudo. Para Taunay exalta-se o culto à bandeira e a delimitação territorial do império, fortalecendo a união em torno

[51] SÜSSEKIND, Flora. Op. cit.

de um centro comum. Em suas cartas vê o império brasileiro como um defensor do liberalismo no Prata, quando se opõe à "tirania" de Lopez.

No relato do General Dionísio Cerqueira destaca-se o sentimento de orgulho por derramar e ver derramar o próprio sangue em defesa da Pátria e de seus símbolos sagrados:

> *"Bendito tempo aquele em que só nos preocupava o brilho da bandeira pela qual íamos derramar o nosso sangue. Dava gosto ver esses moços, que o velho Mallet chamava de inocentes passarinhos e que, no seu conceito, não podiam ainda ser oficiais porque não sabiam pelar bem uma costela, quando o regimento chegava ao acampamento em coluna de seções, saírem das últimas peças à disparada, de espora fita, firmes nos estribos e pregados à sela, para tomarem o alinhamento e esbarrarem precisamente no ponto onde deviam ficar. Via-se passar uma cintilação de prazer pelos grandes olhos do comandante. Ele sentia que aquela cadetada sabia honrar o nome do regimento nos dias das batalhas, que se aproximavam."*[52]

Continua nosso 'homem das armas' reafirmando em seu discurso a idéia de que mesmo diante dos piores empecilhos os soldados resistiam na defesa de sua Pátria:

> *"...Ao ver a abnegação daquela soldadesca, o estoicismo com que ia vencendo as agruras da vida e o bom humor que explodia em boas pilhérias e risadas alegres, o amor à bandeira e o orgulho de vestir a farda do Brasil, ninguém podia duvidar da vitória da nossa causa. Havíamos de triunfar, porque queríamos."*[53]

---

[52] CERQUEIRA, General Dionísio. Op. cit., p. 97.
[53] Idem, p. 98.

Em momento de visita do conselheiro Otaviano para uma revista à tropa, o General Cerqueira relata:

> *"Fazia gosto ver aquela massa imponente de homens dominados pelo amor da Pátria marchar com garbo e galhardia, em cadência ao som dos dobrados sugestivos desfilando, orgulhosos de sua nobilíssima missão, diante do diplomata, que devia ter ficado desvanecido com aqueles patrícios que ansiavam por praticar feitos gloriosos à sombra da sagrada bandeira auriverde, que tremulava ufana no centro dos batalhões. (...) era boa aquela gente, que tanto honrou ao Brasil na fase das suas maiores provações."*[54]

A basear-se nos relatos do General Dionísio Cerqueira, defender o território brasileiro era uma honra e motivo de entusiasmo:

> *"...Ficou-me gravado, porém, na memória, o sentimento nobre e patriótico. Ficamos todos alvoroçados e cheios de entusiasmo. Íamos nós, brasileiros, ser os primeiros a pisar o território inimigo! Cabia-nos a honra da vanguarda da invasão! Assim devia ser, porque o solo sagrado do Brasil fora o primeiro a ser profanado pelos soldados de López."*[55]

A idéia de que López era um tirano e o povo paraguaio "bárbaro", sugeriu algumas interpretações acerca do conflito. Entre elas, Francisco Alambert destaca a idéia de um mito civilizador, que teria permanecido mesmo tendo o conflito se encerrado:

> *"...Um* [mito modernizador] *dos que mais que recorrentemente povoaram as mentes e as ilusões de certos intelectuais da Primeira República foi certamente a Guerra do Paraguai e seu caráter heróico e 'civilizador'. Ressalte-se que os anos em torno do*

[54] CERQUEIRA, General Dionísio. Op. cit., p. 111.
[55] Idem, p. 126.

> *episódio representam momentos decisivos na afirmação de imagens e complexos ideológicos em formação, que, para muitos, só se tornarão plenamente visíveis a partir dos anos 1920, com o movimento modernista e a crise da República Velha."*[56]

Chama atenção para o fato de que pré-modernistas ou pós-românticos como Taunay, Raul Pompéia, José Veríssimo, de diferentes maneiras, refletiram sobre as ambigüidades do surgimento da nacionalidade brasileira, nas palavras do autor, *"gestada no ventre imperial escravocrata e parida numa guerra."*[57]

Para Alambert a guerra

> *"Foi a primeira tragédia da República mesmo antes dela existir de fato. Por isso, os debates sobre os sentidos do conflito têm que ressurgir, como farsa, justamente na primeira grande crise republicana."*[58]

Nesse sentido León Pomer afirma que:

> *"A guerra da Tríplice Aliança serviu para assegurar as posições de um governo fraco, que estava tentando iniciar a construção do Estado e, com ele, da nação. Muitos caudilhos regionais tiveram que aceitar a presença de um poder novo e superior, e outros foram literalmente liquidados."*[59]

---

[56] ALAMBERT, Francisco. *Civilização e Barbarie. História e Cultura*. In.: MAGALHÃES MARQUES, Maria Eduarda Castro. (org.). A Guerra do Paraguai: 130 anos depois. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995. Op. cit., p. 86.

[57] ALAMBERT, Francisco. Op. cit., p. 86.

[58] Idem, p. 95.

[59] POMER, León. *A Guerra do Paraguai e a Formação do Estado na Argentina*. In.: MAGALHÃES MARQUES, Maria Eduarda Castro. (org.). A Guerra do Paraguai: 130 anos depois. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995, p. 119.

Diante de tantas leituras acerca dos significados deste episódio, retomamos o relato do General Dionisio Cerqueira buscando vislumbrar uma dessas possibilidades. Estamos cônscios de que há diversas outras possibilidades de abordagens desse episódio, inclusive com relação aos sujeitos que o integraram, sem esquecer dos tantos recrutados forçosamente. Contudo toda teoria acerca da guerra e tantos outros relatos e fatos apresentados por diversos autores nos possibilitam vislumbrar que tanto "voluntários" quanto 'convocados', uma vez no campo de batalha passam a orientar-se pela máxima de defesa da vida, tornando-se um corpo, uno, que visa defender-se e a um ideal comum – a presença do inimigo, ou seja, do outro, faz reconhecer a necessária união com 'meus parceiros', mais tarde reconhecidos como compatriotas.

É evidente que não estamos considerando que houvesse naquele momento do conflito uma elaboração lúcida a respeito dessas repercussões, essencialmente das voltadas à construção da idéia de nação. Ao contrário, todos os relatos são reminiscências de memórias dos combatentes ou de sujeitos que tiveram contatos com a Guerra. O que significa entender que são resultado de suas memórias somadas às suas vivências posteriores. Ao contrário, somente no desenrolar do processo histórico tornam-se claras e evidenciadas as interferências do conflito na constituição ou consolidação da idéia de unidade nacional.

Trabalhar com o relato impõe-nos limitações e cuidados que não desprezamos. Porém, como o intuito deste trabalho é observar a construção de um discurso em torno de um fato – a Guerra contra o Paraguai – visando a construção de um ideal – a consolidação da idéia de Nação Brasileira, esta é uma possibilidade que vislumbramos.

Como vimos, de acordo com os relatos, especialmente os do General Cerqueira e do Visconde de Taunay, na guerra todos os combatentes passam a ser parceiros, companheiros em busca de um ideal comum. E nesse momento, a despeito das diferenças sociais, econômicas, culturais ou mesmo étnicas, passam a ser "irmãos", *patrícios*, conforme encontramos nos relatos. A preservação desse ideal comum é o caminho para conservar a união ou a unidade em torno de um propósito: vencer a guerra.

Em muitos casos não fica claro para os próprios combatentes que ação irão empreender, isto, porém, não impede a obediência comum: há um ideal a ser alcançado, não importando os custos a serem pagos. Taunay afirma, falando de uma das movimentações da expedição do Mato Grosso:

> *"Comunicou-se a ordem às tropas sem que se soubesse bem para onde se ia marchar. Pensava a maioria que se tratava somente de uma incursão a fazer em território inimigo. Levava a coluna apenas material indispensável para um mês de ausência."*[60]

[60] TAUNAY, Visconde de. Op. cit., p. 40.

Observamos uma cumplicidade a causas que de fato se mostravam por vezes desconhecidas.

De acordo com Fernando Novaes a "nação brasileira" herdou do conflito um exército organizado, que posteriormente seria fundamental na institucionalização da República. Além deste aspecto político prático, temos ainda outros menos palpáveis, porém não menos perceptíveis, que são subjetivos. A imagem da guerra e seus combatentes, consagrada na figura de seus heróis, conclama aos herdeiros desta história uma postura patriótica, de defesa do seu território e união nos momentos de conflitos internacionais. Os símbolos da nação surgem reafirmados pelo sangue que já foi derramado em sua defesa. Dessa forma, a bandeira nacional, por exemplo, aparece quase como um sujeito a ser protegido e defendido por seus patrícios. Mais do que isso, representa a Nação na sua integra, incluindo território, povo e poder.

Como já esclarecemos anteriormente, entendemos que a Guerra do Paraguai contribuiu como um dos elementos utilizados para forjar a identidade nacional brasileira. Porém, nos discursos acerca dessa nacionalidade e de sua constituição, há sempre a alusão aos heróis que já derramaram seu sangue por essa terra – fosse para defendê-la ou para libertá-la de algum algoz. As imagens do conflito, a sacralização dos símbolos, a figura dos heróis, o território defendido, a constituição de um poder autônomo e forte são

fomentadas em discursos que dificilmente se esquecem dos conflitos e da presença do exército nacional.

Dessa forma, incluímos entre as tantas leituras possíveis acerca da Guerra do Paraguai, a de que este episódio ou este conflito, serviu como argumento, entre tantos outros, nos discursos implementados em defesa da constituição da *nação brasileira*.

Em seu artigo *O Significado da Guerra do Paraguai na História do Brasil*[61], Fernando Novaes, busca refletir sobre os efeitos desse episódio na História do Brasil, sobretudo na História do Império.

Destaca que Joaquim Nabuco foi o primeiro a atentar para o significado do fenômeno da Guerra da Tríplice Aliança no transcurso de nossa história, afirmando que foi ela o apogeu e o declínio do Império.

Considerando a definição weberiana de Estado, segundo a qual este é o detentor do monopólio da violência legítima, o Estado Nacional brasileiro por ser escravista mantinha a violência privada dos senhores contra seus escravos, tornando-se paradoxal. Com a Independência, o Brasil passa a viver um dilema: era necessário manter a escravidão para preservar a unidade nacional e ao mesmo tempo esta estratégia inviabilizava o Estado. Sendo assim, a

[61] NOVAES, Fernando. *O Significado da Guerra do Paraguai na História do Brasil*. In.: MAGALHÃES MARQUES, Maria Eduarda Castro. (org.). A Guerra do Paraguai: 130 anos depois. Rio de Janeiro: Relume-Dumaia, 1995.

sociedade escravista bloqueava os fundamentos do exército moderno, das modernas forças armadas, enfim, do Estado Moderno.

A hierarquia do exército devia definir-se pelo mérito, mas no império brasileiro definia-se pela estratificação social. Ora, a Guerra do Paraguai exigia a constituição de um exército e o Brasil não dispunha de força armada moderna. Contrariamente, o Paraguai já a possuia. Entende o autor que com a guerra a aliança brasileira com a Argentina e o Uruguai:

> *"...Fez com que a afirmação segundo a qual a Monarquia é a civilização e a República é a barbárie perdesse sua força, porque, na guerra, o Brasil teve que se aliar com duas repúblicas para lutar contra uma terceira república."*[62]

E acrescenta:

> *"Não foi um erro de visão dos estadistas do Império do Brasil envolverem o país na Guerra do Paraguai. A Guerra realmente comprometia a estrutura política e social do Império, porque criava um exército moderno incompatível com o escravismo. Mas se a Guerra não foi um erro, ela foi uma necessidade. O eixo da vida política brasileira no século XIX girava em torno dessa contradição.*
>
> *Nesse sentido, pode-se dizer que a grande vantagem que tivemos com a Guerra do Paraguai não foi vencer a Guerra, mas participar dela, porque ela expôs as contradições, tornou pública e trouxe à tona a questão central da política brasileira da época, questão que se resolveu com a República, ou que, pelo menos, começou a se resolver a partir da República."*[63]

---

[62] NOVAES, Fernando. Op. cit., p 81.
[63] NOVAES, Fernando. Op. cit.

Visto dessa forma, o conflito com o Paraguai escapa da esfera puramente econômica para mostrar seu alcance político. As condições objetivas dadas no conflito, na visão de Novaes, conduziram a uma necessária mudança de mentalidade, que favorece inevitavelmente os defensores da República, e por conseguinte do Estado-Nação. Ora, a grande questão a que nos propomos refletir nesse trabalho, quanto ao fato de ter sido este conflito forjador de discursos acerca da identidade nacional brasileira – lembramos, não o único – parece encontrar, enfim, suportes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Seria por demais problemático considerar que chegamos, ou mesmo que seria possível encontrar conclusões definitivas sobre o assunto que pesquisamos.

Os conceitos abordados remetem a amplas e polêmicas discussões, e já fundamentaram teorias políticas que justificaram inúmeras guerras ao longo da história.

O caso brasileiro não poderia ser totalmente contemplado, diante das características do trabalho monográfico, ficando entretanto indicações que podem sugerir objetos de pesquisa àqueles que se interessam pelos temas tratados no presente trabalho.

Diante disso, deixamos como apontamento final o registro da intenção de dar continuidade à pesquisa que realizamos até aqui.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Leila. *A Identidade Latino-Americana em José Carlos Mariátegui*. Goiânia, UFG, 1999. (mimeo)

ANDRADA E SILVA, Raul de. *Ensaio sobre a Ditadura do Paraguai 1814 – 1840*. São Paulo: Coleção Museu Paulista, Série Ensaios, vol. 3, 1978.

ANDERSON, Benedict. *Nação e Consciência Nacional*. São Paulo: Ática, 1989.

BANDEIRA, L. A. Moniz. *O Expansionismo Brasileiro e a Formação dos Estados da Bacia do Prata: da colonização à guerra da tríplice aliança*. 2ª ed., São Paulo: Ensaio; Brasília, DF: Editora da Universidade de Brasília, 1995.

BESOUCHET, Lídia. *Mauá e seu tempo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

BLANCARTE, Roberto (Compilador). *Cultura e identidad nacional*. México: Fondo de Cultura Económica, 1994.

BOMFIM, Manoel. *O Brasil Nação – Realidade da Soberania Brasileira*.2ª ed., Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.

BOUTHOUL, Gaston. *A Guerra*. (Geraldo Gerson de Souza – trad.) São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1964.

CALMON, Pedro. *História do Brasil (Século XIX – O Império e a ordem liberal)*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editôra, 1971.

CANCOGNI, Manlio & BORIS, Ivan. *Solano Lopez, o Napoleão do Prata*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

CERQUEIRA, Dionísio. *Reminiscências da Campanha do Paraguai*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1980.

CHIAVENATO, Júlio José. *A Guerra contra o Paraguai*. São Paulo: Brasiliense, 1996 (Coleção Tudo é História, 131).

_____. *A Guerra do Paraguai*. São Paulo: Ática, 1987.

_____. *Genocídio Americano: A Guerra do Paraguai*. São Paulo: Brasiliense, 1979.

DUARTE, Gal. Paulo de Queiroz. *Os Voluntários da Pátria na Guerra do Paraguai*. (03 Volumes), Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1981.

DUSSEL, Enrique. *1492: O Encobrimento do Outro: a origem do "mito da modernidade": conferências de Frankfurt*. Petrópoles: Vozes, 1993.

GALEANO, Eduardo. *As Veias Abertas da América Latina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

GARCIA, Emanuel Soares da Veiga. *O Comércio Ultramarino Espanhol no Prata*. São Paulo: Perspectiva, 1982.

GUIBERNAU, Montserrat. *Nacionalismos – o Estado Nacional e o Nacionalismo no século XX*. Rio de Janeiro, Zahar, 1997.

GUIMARÃES, Acyr Vaz. *Seiscentas Léguas a Pé (A Campanha do Apa)*. Campo Grande: Tribunal de Justiça de Mato Grosso do Sul, 1988.

HAUBERT, Maxime. *A vida quotidiana no Paraguai no tempo dos jesuítas*. Edição "Livros do Brasil" Lisboa. (S.D.)

HOBSBAWN, Eric J. *Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990

KAPLAN, Marcos T. . *Formação do Estado Nacional na América Latina*. Rio de Janeiro: Livraria Eldorado Tijuca Ltda, 1974.

LAINO, Domingo. *Paraguai: Fronteiras e Penetração Brasileira*. São Paulo: Global, 1979.

LAMBERT, Jacques. *América Latina*. São Paulo: Cia Editora Nacional/EDUSP, 1969.

MAGALHÃES MARQUES, Maria Eduarda Castro. (org.). *A Guerra do Paraguai: 130 anos depois*. Rio de Janeiro: Relume-Dumaiá, 1995

MARIÁTEGUI. J. C. *Sete ensaios da Realidade Peruana*. São Paulo, Alfa Ômega, 1975.

_____. *Temas de Nuestra América*. Peru: Amauta, 1986.

MARTINS, Zildete Inácio de Oliveira. *A Participação de Goiás na Guerra do Paraguai (1864-1870)*. Goiânia: Ed. UFG, 1983.

MENEZES, Alfredo da Mota. *Guerra do Paraguai – como construímos o conflito*. São Paulo: Contexto, 1998.

MOREIRA, Reinaldo Correia. *O Batalhão Laguna*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1990.

MORSE, Richard M. *O Espelho de Próspero: Cultura e idéias nas Américas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

MOURA, Carlos Francisco. *O Forte de Coímbra*. Cuiabá: Edições UFMT, 1975.

OLIC, Nélson Bacic. *Geopolítica da América Latina*. São Paulo: Moderna, 1992

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992. (Série Revisão 1)

PIMENTEL, General J.S. de Azevedo. *Episódios Militares*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1978.

POMER, Léon. *A Guerra do Paraguai: a grande tragédia rioplatense*. São Paulo: Global, 1980.

PRADO, M. L. Coelho. *América Latina no século XIX – tramas, telas e textos*. São Paulo, Edusp, 1999.

SALLES, Ricardo. *Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do Exército*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

SANDERS, Karen. *Nación y Tradición – cinco discursos en torno a la nación peruana 1885 – 1930*. F.C.E.: Pontificia Universidad Católica del Perú, 1997.

SÜSSEKIND, Flora. *Guerra Revisitada*. Especial, Folha de São Paulo, 14/10/2000.

TAUNAY, Visconde de. *Memórias*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército – Editôra, 1960.

_____. *A Retirada da Laguna*. São Paulo: Melhoramentos, 1952.

_____. *Diário do Exército (1869-1870)*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército - Editôra, 1958.

WASSERMAN, Claudia (coord.). *História da América Latina: Cinco Séculos*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1996.